

Sarney: urnas não mudarão ministério

CARLOS CHAGAS

O presidente José Sarney disse ao repórter de **O Estado de S. Paulo** que não pretende mudar o Ministério em função do resultado das eleições de 15 de novembro. Todos os ministros são merecedores de sua confiança, não havendo por que substituí-los. "Enfrentaram a maré alta dos últimos meses com muita competência" — ele falou.

Para Sarney, não haverá reforma ministerial, nem ampla nem restrita, por conta da voz das urnas. Até porque, o seu governo é composto pela Aliança Democrática, e esta será amplamente vitoriosa nas eleições. PMDB e PFL farão maioria significativa no futuro Congresso e poderão eleger a totalidade dos governadores de Estado. Os resultados eleitorais demonstrarão a confiança da socie-

dade em seu governo, não se justificando, assim, a substituição de um ministro sequer, por motivos partidários.

De maneira categórica, o presidente enfatizou, ainda, não aceitar pressões nem intimidações, se elas vierem a ser feitas no sentido de demitir seus auxiliares. Quem nomeia os ministros é ele, obviamente que em entendimento com os partidos que o apóiam, mas sem aceitar condôminos no exercício de sua prerrogativa. Aliás, esse fato ficou bem claro quando se viu obrigado a reformar o Ministério, no início do ano, tendo em vista a desincompatibilização de muitos ex-ministros, para se candidatarem às eleições de novembro. Naquele momento, as dificuldades econômicas eram muito maiores do que as atuais e a imagem de seu governo não havia atingido os níveis

que atingiu depois. O Plano Cruzado não havia sido lançado, a inflação assustava de verdade. Mesmo assim, concentrou o poder decisório e acertou. O Ministério mostrou-se, em seu entender, digno de toda a confiança, e não haverá por que mudá-lo. De todas as formas, vencendo este o perdendo aquele candidato a governador, a vitória será da Aliança Democrática, isto é, do PMDB e do PFL, partidos aos quais pertencem seus ministros, exceção dos militares. E para esses, também não poupa elogios.

Sarney revela-se infenso a mudanças frequentes no Ministério. Acentuou não ser de seu estilo ficar torcendo de ministros, o que não o impede, é claro, de substituir quem quiser. No fundo, a responsabilidade de tudo é do presidente da República. Dele fica a imagem para a histó-

ria. Assim, não cabe a ele apenas nomear e manter quem julgue melhor para a execução das tarefas de governo, mas, também, comandar a equipe e determinar-lhe as diretrizes de atuação.

Em suma, e ao contrário do que se imaginou, não haverá reforma, recomposição ou, sequer, alteração menor do Ministério, em função das eleições. O presidente não particularizou, falando só genericamente, mas fica claro que Raphael de Almeida Magalhães, por exemplo, não terá sua cabeça a prêmio porque o vitorioso no Rio de Janeiro será Wellington Moreira Franco, seu adversário. Nem Antônio Carlos Magalhães deixará de ser ministro se, na Bahia, vencer Waldir Pires e não Josaphat Marinho. O princípio vale para os outros. A derrota de Orestes Quércia, em São Paulo, jamais causará a de-

missão de João Sayad ou Almir Pazianotto, ficando Dílson Funaro de fora deste raciocínio porque, apesar de filiado ao PMDB, não esconde sua simpatia por Antônio Ermírio de Moraes. Muito menos a vitória de Miguel Arraes em Pernambuco atingiria Marco Maciel, no Gabinete Civil. E assim por diante.

É evidente que o chefe do governo levará em conta a nova correlação de forças políticas surgidas nas urnas de 15 de novembro. Não deixará de prestigiar os governadores eleitos, de ficar atento para suas postulações e de considerar a representatividade de cada um. Passou o tempo em que os governadores estaduais eram meros auxiliares demissíveis **Ad Nutum** do presidente da República, nomeados por Brasília e obrigados a obedecer. Sarney integrou a última leva dos governadores eleitos pelo povo,

em 1983, tendo depois observado muito bem o constrangimento dos sucessores indiretos. Uma de suas metas é reforçar a Federação, cuidando para que ela deixe de ser mera ficção de direito.

Da mesma forma, estará atento para a representação parlamentar, isto é, para os grupos que, no PMDB e no PFL, tornarem-se mais expressivos.

Não aceita, porém, que qualquer desses grupos, ou daqueles governadores, imponha mudanças em sua equipe de governo. Nesse caso, o plano federal se transformaria num campo de vinditas e de represálias estaduais e partidárias. Tem certeza de que as eleições servirão para sedimentar o apoio popular à Aliança Democrática, e é a Aliança Democrática que compõe a sua administração, ainda que através de escolhas pessoais.

Ibope constata 87% de confiança

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

A grande maioria dos brasileiros (87%) confia no presidente José Sarney; 30% acha sua atuação no governo "ótima"; 42%, "boa"; e 24%, "regular". Estes são os resultados de uma pesquisa de opinião feita pelo Ibope em setembro em todos os Estados do País, envolvendo 21.900 entrevistados, e que foi enviada ao presidente da República.

Mesmo não divulgada oficialmente, a pesquisa circulou entre os assessores de Sarney em meio a uma grande satisfação geral. Afinal, segundo o Ibope, apesar das filas, dos ágios e da falta de carne, a popularidade do presidente vai muito bem. Apenas 9% do total de entrevistados não confiam em Sarney; e 4% não opinaram a respeito. A região onde ele inspira mais confiança é o Nordeste — 90%, quase a totalidade, contra 5% dos que não confiam. O

menor índice de confiança foi registrado na região Sul, mas ainda assim o percentual é alto: 84% contra 12% que não confiam.

O Sudeste, onde está localizado São Paulo, demonstrou um alto percentual de confiança em Sarney — 88% contra 9%. No Centro-Oeste, 85% dos entrevistados confiam plenamente (10% não confiam). No Norte os números seguem a mesma tendência: 89% contra 8%.

Os mesmos entrevistados também classificaram a atuação do presidente à frente do governo: 96% variaram entre "ótima", "boa" e "regular" — 30% para a primeira, 42% para a segunda e 24% para a terceira. Curiosamente, a nota "péssima", com 2%, superou a "ruim", com 1%.

Por região, a classificação ficou assim: No Nordeste, "ótima", 29%, "boa", 40%, "regular", 29%, "péssima", 1%, "ruim", 1%. No Sudeste, "ótima", 31%, "boa", 44%, "regular", 22%, "péssima", 1%, "ruim", 1%. No Centro-Oeste, "ótima", 31%, "boa", 44%, "regular", 22%, "péssima", 1%, "ruim", 1%. No Norte, "ótima", 31%, "boa", 44%, "regular", 22%, "péssima", 1%, "ruim", 1%. Na região Sul, "ótima", 29%, "boa", 40%, "regular", 29%, "péssima", 1%, "ruim", 1%.

23%. Sudeste — "ótima", 31%, "boa", 44%; "regular", 22%. Sul — "ótima", 23%; "boa", 43%; "regular", 29%.

PREOCUPAÇÃO

Segundo uma alta fonte do Palácio do Planalto, o presidente José Sarney vem acompanhando com atenção todas as pesquisas feitas por diversas empresas sobre o comportamento político do brasileiro. E ficou bastante preocupado com a leitura da edição de sábado do jornal **O Estado de S. Paulo**, que publica os resultados de uma pesquisa que apontou 45% dos entrevistados em São Paulo como favoráveis à volta do regime militar. Cópia dessa pesquisa, feita pela Intercience, estão sendo analisadas no Palácio do Planalto. Nela constata-se que 20% dos entrevistados não sabem o que é a Constituinte; 78% são favoráveis à pena de morte; e 85% consideram os políticos demagogos.